

MEMÓRIAS FANTASMAS: FRAGMENTOS HISTÓRICOS E ARQUEOLÓGICOS SOBRE OS CEMITÉRIOS ESQUECIDOS DO Povoado da BOA VIAGEM E DO LUGAR DE SETÚBAL (1870-1932), RECIFE - PE

GHOST MEMORIES: HISTORICAL AND ARCHAEOLOGICAL FRAGMENTS ABOUT THE FORGOTTEN
CEMETERIES OF THE VILLAGE OF BOA VIAGEM AND THE PLACE OF SETÚBAL (1870-1932),
RECIFE - PE

Vanessa Viviane de Castro Sial ⁱ

Sérgio Francisco Serafim Monteiro da Silva ⁱⁱ

Resumo Este trabalho investiga como dois cemitérios históricos desapareceram da paisagem e da memória social dos moradores do antigo Povoado da Boa Viagem e da localidade do Setúbal (Recife-Pernambuco). Tal qual a relação na Arqueologia da Paisagem, as antigas freguesias históricas de Santo Antônio e São José são conhecidos como "Bairros Gêmeos", Boa Viagem e Setúbal trata-se de um estudo de caso que apresenta semelhanças e especificidades. O registo mais antigo sobre o Cemitério do Povoado da Boa Viagem data de 1870. O Cemitério do Setúbal resultou do translado para uma área mais distante na década de 1900. O que estava em jogo nessa transferência do Lugar dos Mortos foi atender demandas imobiliárias em franco crescimento na virada do século XX. **Palavras-Chave:** Cemitérios; Memória; Arqueologia da Paisagem.

ⁱ Doutoranda em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGARQ/UFPE). E-mail: vanessa.sial@ufpe.br

ⁱⁱ Docente do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sergio.serafim@ufpe.br

Abstract: This work investigates how two historical cemeteries disappeared from the landscape and social memory of the residents of the old village of Boa Viagem and the locality of Setúbal (Recife-Pernambuco). Like the relationship in Landscape Archaeology, the old historical parishes of Santo Antônio and São José are known as "Twin Neighborhoods", Boa Viagem and Setúbal are a case study that presents similarities and specificities. The oldest record of the Boa Viagem Village Cemetery dates to 1870. The Setúbal Cemetery resulted from the transfer to a more distant area in the 1900s. What was at stake in this transfer of the Place of the Dead was to meet the growing real estate demands at the turn of the twentieth century. **Keywords:** Cemeteries; Memory; Landscape Archaeology.

Introdução

O historiador Fernando Pio, em seu livro intitulado *Notícia Histórica e Sentimental da Igrejinha de Nossa Senhora da Boa Viagem*, publicado no Recife, no ano de 1961, nos leva para trilhar por lugares esquecidos dos mortos na paisagem urbana na principal orla marítima da capital pernambucana. Falar do Povoado de Boa Viagem nos remete a “pracinha” e sua igreja, que de um oratório no século XVII servia para congregar orações dos católicos que ali moravam. Essa localidade foi importante ponto de paragem para quem viajava da Mata Sul da Capitania de Pernambuco até chegar ao Porto do Recife, setor de maior movimentação de pessoas e toda sorte de mercadorias. O livro é repleto de utilizas de memórias de um arrabalde distante no tempo, bem diferente dos arranha-céus e a grande concentração urbana da Orla de Boa Viagem no século XXI. Nas palavras do diretor de cinema Kleber Mendonça Filho (2023), em seu documentário *Retratos Fantasmas*, ao recorda-se de sua chegada para morar com sua mãe e seu irmão em um apartamento à 240 m do mar, após a divisa da Rua Barão de Souza Leão na década de 1960, nos diz: - *A praça mudou muito.* (Figuras 1, 2 e 3). As fotografias são importantes fontes de pesquisa para o estudo da Arqueologia da Paisagem. Como os espaços são transformados ao longo do tempo, sobretudo pela intervenção humana.

Na Figura 1, de Alcir Lacerda, da década de 1960, destaca-se em azul a Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, e em vermelho o Hotel Boa Viagem, de padrão internacional. Ambas as construções separadas pela Rua Barão de Souza Leão e que as ligam ao Aeroporto Internacional dos Guararapes. Podemos notar, ainda que a orla era composta por edificações com poucos pavimentos, com a média de três pavimentos, em contraste ao hotel de luxo que possuía oito andares e ainda vastas áreas de restingas, com vegetação nativa e entre o hotel e a igreja, o traçado da Rua Barão de Souza Leão.

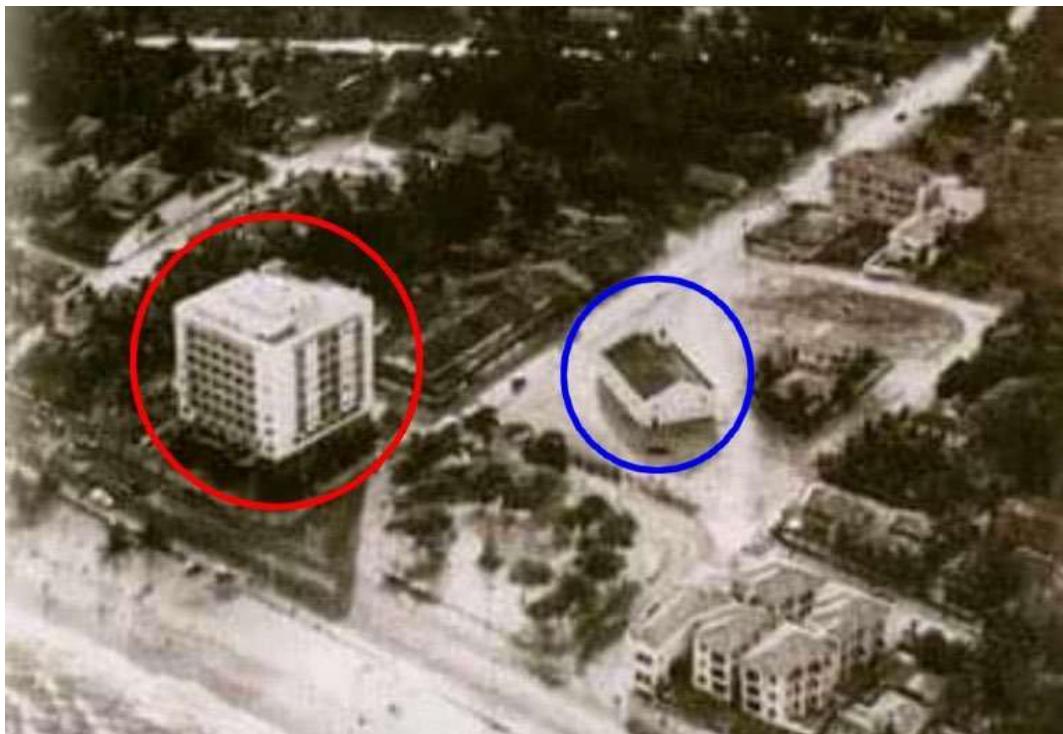


Figura 1: Praçinha da Boa Viagem (destaque em azul) e Hotel Boa Viagem (destaque em vermelho)



Figura 2: Orla da Boa Viagem, imediações da Praça, década de 1950.

Na Figura 2, podemos observar os automóveis de época, bicicletas, vestuário dos indivíduos, linha dos coqueirais e vasto público de banhistas na maré baixa que aproveitavam das piscinas naturais dos arrecifes. É possível que o registro fotográfico tenha sido realizado num final de semana. O domingo historicamente é o dia da semana de maior número de pessoas que frequentam a praia da Boa Viagem. De acordo com a página *Recife de Antigamente* no Facebook,

na localidade onde fora construído o extinto Hotel Boa Viagem, ficava o Restaurante Tio Pepe, cujo proprietário era de origem lusitana.



Figura 3: Praça e Igreja da Boa Viagem. Fotografia Iggor Gomes. Fonte: Facebook Perfil Prefeitura do Recife, em 21 de outubro de 2021.

Já na Figura 3, podemos perceber que a orla mudou radicalmente seu perfil de linha construtiva. As casas e as edificações com poucos pavimentos foram substituídas por edifícios e condomínios verticais que ultrapassam 20 pavimentos. Segundo Cavalcanti (1998), a povoação da Boa Viagem tem seu início no século XVII, devido à existência de algumas *vendas* que serviam de local de descanso para os viajantes que por ali transitavam vindos do caminho do sul da Capitania de Pernambuco. De origem lusitana, cultura de pescadores, uma dessas vendas pertenceu a

Manuel Fernandes Setúbal, nome que demarcou o trecho que viria servir de denominação para a zoneamento sul do atual bairro de Boa viagem – Setúbal. Ainda conforme o autor, em 6 de junho de 1707, Baltazar da Costa Passos¹ e sua esposa Ana de Araújo, moradores da capital do Recife, fizeram uma doação ao padre Leandro Camelo, morador da Freguesia de Prazeres, em Jaboatão Velho², de cem braças de terra para ali construir "*uma capela para se dizer missa, com a invocação de Jesus, Maria e José*", cuja data consta no frontispício da igreja.

Em 1743 já estava a capela construída, administrada por um sacerdote nomeado pelo bispo, conforme inventário de 20 de novembro daquele ano, assinado pelo padre Inácio Ribeiro, onde figura o "nicho dourado e pintado" com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, alfaias e "*um escravo chamado Miguel*" para auxiliar nos afazeres da igreja e conferir proteção aos pescadores locais e transeuntes que percorriam aqueles velhos caminhos dos engenhos de açúcar. No ano de 1760, Pio (1961), menciona despesas da igreja com o conserto do órgão, instrumento musical que devia exercer experiências sensoriais de sacralidade nos ritos eucarísticos. Foram gastos "8\$000 para tal prestação de serviço, que foi realizado no centro do Recife, pago em dinheiro a Agostinho Leite e mais as despesas para que negros trouxessem o órgão de canoa, de volta para o povoado, a quantia de \$360".

Para que possamos compreender o contexto da construção de um cemitério para o povoado da Boa Viagem é fundamental nos debruçarmos para as dinâmicas de transformações ocorridas no século XIX com o impacto das epidemias de Febre Amarela entre 1849-1851 e *Cholera morbus* no ano de 1856 e as políticas higienistas de Saúde Pública. O Segundo Reinado emergia com anseios de modernidade de caráter civilizatório, imperado pelo modelo urbanista francês (Rocha, 2003). Se no passado colonial os lugares dos mortos estavam bem mais perto dos vivos, em especial pelos sepultamentos dentro das igrejas, a Teoria Miasmática³ norteou os melhoramentos urbanos no país e a necessidade de implantação de cemitérios extramuros. Nesse sentido, a Igrejinha da Boa Viagem, assim como a maioria das igrejas do passado colonial, contava a organização de irmandades e confrarias leigas que eram responsáveis em grande medida nas práticas devocionais, culturais e sociais de seus fiéis (Castro, 2007).

Pio (1961), relata que no dia 8 de março 1857 foi apresentado ofício ao Padre Mestre Capelão, encaminhado pelo Verendíssimo Pároco da Freguesia de Afogados que autorizava a instauração

¹ Rua Baltazar Passos, Setúbal, Boa Viagem, Recife, Pernambuco, CEP 51130-290

² Atualmente o bairro de Prazeres pertence ao município de Jaboatão dos Guararapes.

³ Definia-se como Miasma toda matéria orgânica capaz de emanar maus odores, que uma vez em contato com o ar, poderiam causar toda sorte de doenças, sobretudo epidêmica. Sobre o verbete, consultar: Chernoviz, 1890.

da Irmandade do Santíssimo Sacramento na Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem para "accodir aos enfermos deste arrabalde", cuja Mesa Regedora deveria subordinação ao capelão da dita igreja. O autor ainda cita um dado interessante, datado de 1819, a compra de "chapeo de sól para cobrir o padre que leva o Viatico aos enfermos por \$960". O autor não informa a origem de suas fontes. Contudo, a descrição nos revela a necessidade de administração dos sacramentos aos doentes que viviam no Povoado da Boa Viagem. A alma católica precisava do cuidado religioso para com seus pecados e fazer a passagem da morte com os ritos cumpridos; de modo que esta pudesse ter maiores chances de uma existência no Purgatório sem tantos males ou sofrimentos.

Voltando nossa atenção para Cavalcanti (1998), a Povoação da Boa Viagem ganhou impulso no ano de 1858, quando foi inaugurado o primeiro trecho da *Estrada de Ferro Recife-São Francisco*, cujas composições com destino à Vila do Cabo faziam parada na estação situada no final da atual Rua Barão de Souza Leão. Esse sistema férreo era complementado por bonde de tração animal, puxado por burros até chegar ao epicentro da praça.

O bairro cresceu e foi, pouco a pouco, construindo um novo "estilo de vida litorânea", que era saudável morar próximo ao mar e tomar banhos salgados nas piscinas naturais de seus arrecifes. Nas primeiras décadas do século XX, o bonde elétrico da *Pernambuco Tramways*, que inicialmente trafegava saindo do Porto do Recife, cruzava os arrecifes em sentido sul pela antiga Ilha do Nogueira, Pina, terra dos coqueirais, até chegar nas imediações da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, fazia o ponto de retorno ao centro do Recife Histórico. Também não podemos esquecer que a abertura da Avenida Boa Viagem se integrou na vida do recifense, em 1924, no governo de Sérgio Lorêto. Pio (1961) informou que nesse mesmo ano a luz elétrica (ver Figura 4) chegava na pracinha da igreja com os seguintes custos:

Caução de luz para a igreja 100\$000

Material e mão de obra 922\$100

Taxa de ligação 6\$000

Licença da Prefeitura 6\$240



Figura 4: Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, cerca 1920. Fonte: Paróquia de Boa Viagem.

As elites buscavam na época dos festejos natalinos encontrar em Boa Viagem sua estada de veraneio. Havia celebrações religiosas, montagem de presépio de tradição franciscana e folguedos como as danças de origem portuguesa, como o pastoril. Fazia-se torcidas para qual o cordão mais animado, se o Azul ou o Vermelho. No Museu Digital do Folclore (Figura 5) encontramos a xilogravura de Amaro Francisco Borges, que poderíamos imaginar ter captado reminiscências de tais vozerias alegres que entonavam naquele tempo.



Figura 5: Pastoril, Nº de Tombo: 97.121.4, Amaro Francisco Borges Bezerros, Pernambuco, suporte papel e tinta, dimensões 23,5 x 35 cm, assinada pelo artista.

O Primeiro Cemitério do Povoado de Boa Viagem

A primeira fonte histórica que fez inventário dos cemitérios existentes no Recife foi realizada pelo médico Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araújo, ao apresentar sua comunicação no Primeiro Congresso de Medicina em Pernambuco, no ano de 1910⁴. Esse trabalho foi publicado como folheto científico em Lisboa e nos *Annaes do Congresso*. Por ser início do século XX. Dr. Ferrer cita como cemitério para o Povoado da Boa Viagem, o Cemitério no *Logar de Setúbal* [sic]. No trabalho não houve explicações sobre a existência de um primeiro cemitério e que Setúbal seria o segundo cemitério para o Povoado. Nos escritos de Fernando Pio, o historiador narra detalhes importantes sobre o contexto para a existência de um cemitério público na localidade:

Em setembro de 1871, sobre a presidência já do irmão juiz Joaquim José da Fonseca, foi mandado fazer um esquife que seja decente para a condução dos irmãos falecidos que terem de ser sepultados no cemitério desta irmandade, ficando também à disposição das pessoas pobres que falecerem nesta povoação e suas imediações (Pio, 1961, p. 61).

Não encontramos fontes históricas para comprovar o envolvimento da(s) irmandade(s)⁵ como a doação de terreno para construção desse cemitério. Contudo, uma planta datada de 1870 que pertenceu à Repartição das Obras Públicas, órgão da Província de Pernambuco, apresenta o plano de arrumamento para o Povoado da Boa Viagem e consta não somente a demarcação da praça, da igreja, do casario, dos coqueirais e a localização do cemitério. Notemos que na legenda está escrito Cemitério Público (ver figura 6, em destaque vermelho). Um cemitério público no século XIX contava com orçamento provincial repassado para a Câmara do Recife, com as despesas para a remuneração dos funcionários, geralmente administrador, servente e coveiro.

No entanto, na documentação sobre as contas para a rubrica cemitérios públicos, não há qualquer informação sobre esse cemitério. Sendo assim, é possível que o Cemitério do Povoado da Boa Viagem tenha sido construído por iniciativa de irmandade e não um projeto de salubridade pública. Também merece nossa atenção para as datas de cemitérios municipais que estavam sendo inaugurados de arrabaldes no final da década de 1860 – Freguesia Poço da Panela, de 1867, e o da Freguesia da Várzea, 1868. Os cemitérios fora do centro histórico do Recife começaram a serem construídos na ocasião da Epidemia de *Cholera morbus*, em 1856. A

⁴ Agradecemos essa fonte à historiadora carioca Cláudia Rodrigues [cópia do impresso, 2004].

⁵ No livro de Fernando Pio, ele cita a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Viagem, na década de 1840 e a Irmandade do Santíssimo Sacramento, na década de 1860. Na história da construção de igrejas de irmandades e confrarias leigas foi recorrente que uma mesma edificação abrigasse mais de uma agremiação religiosa.

morosidade para conclusão para essas obras públicas era por falta de recursos, como também situações específicas – como a compra de terreno adequadas para construção de um cemitério. Para o caso do Cemitério do Povoado da Boa Viagem também é possível que tenha ocorrido um engano por parte do engenheiro técnico que desenhou o projeto (Figura 6) Castro (2007).

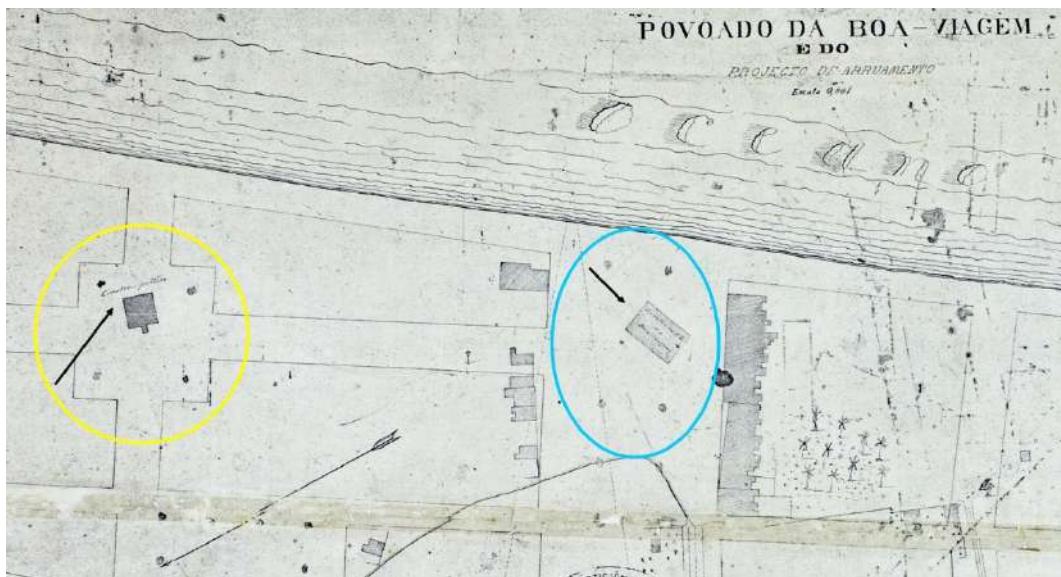


Figura 6: Detalhe da *Planta do Povoado da Boa – Viagem Projeto do Arruamento, escala 0,001*. Presença do Rio Jordão, a praça com a Igreja (detalhe em azul), os coqueirais foram desenhados próximos das habitações sul do mapa, traçado para a Rua Barão de Souza Leão (destaque em amarelo) e o perímetro do Cemitério (destaque em vermelho), ao norte do povoado. Fonte Museu da Cidade do Recife.

Como se tratava de um projeto de agrimensão para abertura de ruas, por anos pensávamos sobre a possibilidade que o cemitério para o Povoado de Boa Viagem também fosse um projeto previsto em estudo, mas não teria sido construído ainda no século XIX. Encontramos um testemunho importante na página do *Facebook* – **Recife de Antigamente** em que Paulo Fernando Pontual, morador da Rua dos Navegantes narrou suas memórias de infância:

“Havia um cemitério sim em BV, mas não na área de D. Lindu, mas sim atrás da igreja de BV. Era costume se fazer os cemitérios ao redor das igrejas, lembrem que a igreja foi construída em 1707! Morei até meus 10 anos no início da rua dos navegantes, os prédios construídos entre a igreja e o hotel ‘miramar’ foram escavados para fazer o SS e eram numerosas ossadas encontradas, em excelente estado de conservação devido ao solo arenoso, acho eu. Isso foi no final da década de 1960 início dos 1970, mais especificamente no edf. Guadalarara e o edf. Bandeira de Oliveira! Numa dessas escavações chegamos a brincar com algumas ‘caveiras’. Na minha casa inclusive, ao cavar para fazer uma nova fossa, meu pai encontrou um desse (sic) esqueletos quase completos.”

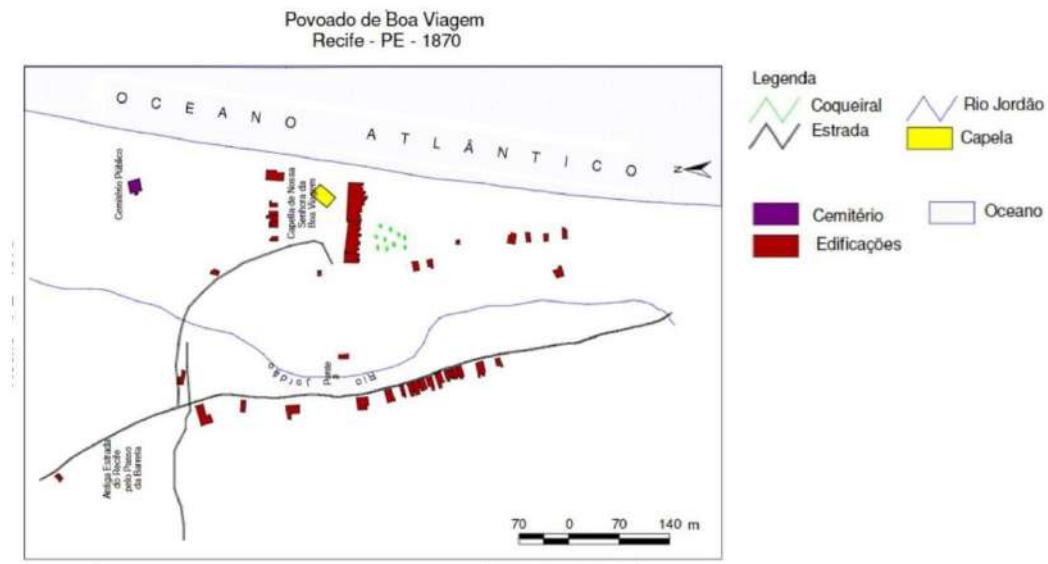
Paulo Fernando Pontual conta que o primeiro cemitério de Boa Viagem (BV) não ficava na localidade de Setúbal e sim ao norte da Igreja. Ele revelou que morou até seus 10 anos de idade no início da Rua dos Navegantes, que durante as obras para escavação de fossa séptica da casa, seu pai os trabalhadores encontraram um esqueleto quase completo. O relato de Pontual é tão preciso que conseguiu identificar a quadra dos atuais edifícios Guadalajara e Rita Bandeira de Oliveira. Ele contou que nas obras de fundação de subsolo (SS) “eram numerosas ossadas encontradas em excelente estado de conservação”. Também na mesma publicação na página **Recife de Antigamente** foi publicada um mapa de estudos com base na planta de 1870, elaborado por Aline B. de Lima e Anderson Alves dos Santos (Figura 8).

Por meio de análise de Imagem de satélite fornecida pelo *Google Earth* (Figura 7), fizemos destaque (seta azul) para a Igreja de Boa Viagem e a demarcação em ponto vermelho do Edifício Guadalajara. Com a ferramenta disponível pelo próprio *Google Earth* foi possível estimar a medição entre a igreja e o edifício Guadalajara, cujo resultado foi de pouco mais de 221 m de distância. Conforme o relato de Pontual entre os edifícios Guardalajara e Rita Bandeira de Oliveira, Rua dos Navegantes, o *Google Earth* calculou o perímetro de 234, 54 m.



Figura 7: Imagem de satélite fornecida pelo *Google Earth*. Registro datado de 25 de julho de 2013.

No processo de construção dos edifícios na orla de Boa Viagem, se pensarmos o crescimento urbano foi altamente célere ao longo do século XX, com a inexistência de legislação de licenciamento ambiental que exige monitoramento arqueológico em áreas de interesse histórico, os indivíduos sepultados no primeiro Cemitério do Povoado foram esquecidos na paisagem urbana, como também perturbados por esses empreendimentos imobiliários. O silêncio das construtoras também reflete o silêncio em favor dos interesses econômicos. Deste modo, foi mais “fácil” concretar os mortos que assegurar-lhe o direito da dignidade humana, previsto pelo Tratado do Direito Funerário.



FONTE: Arquivo Público Estadual João Emerídio / Departamento do Arquivo / Divisão de Arquivos Pernambucanos / Seção de Documentos Especiais / Acervo Fotográfico / Plantas Arquitônicas Série - Obras Públicas Autor: Félix Ramos Lieutéc FUNDO: R. O. P. Referência: M9G4 1678 1269 Prancha: 1 Data Limite: 1870
Elaboração do mapa: Aline B. de Lima / Anderson Alves dos Santos

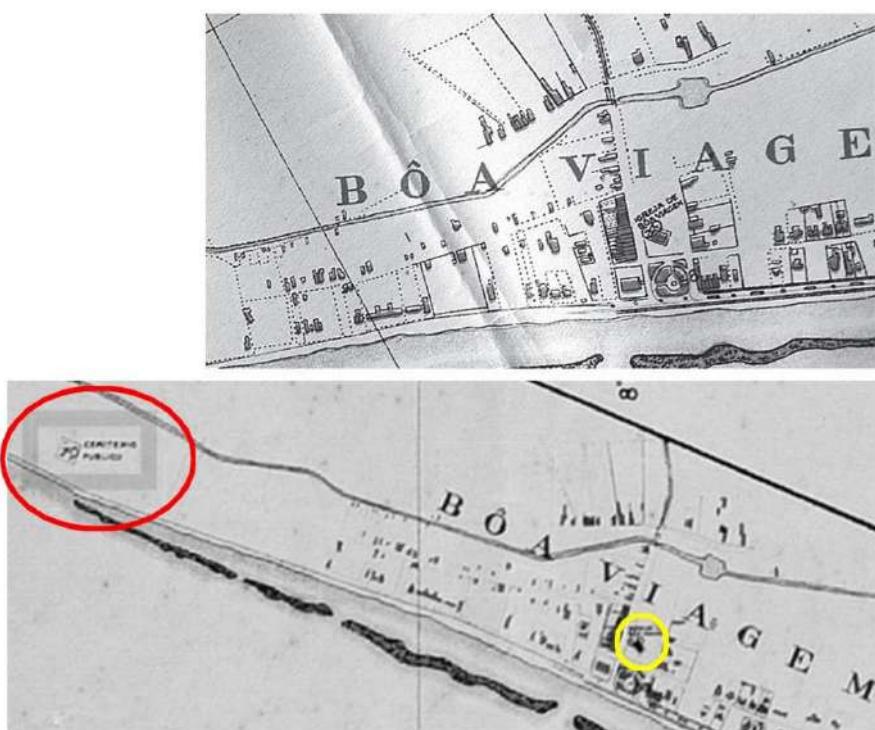
Figura 8: Mapa do Povoado de Boa Viagem. Fonte: *Facebook Perfil Recife de Antigamente* [desenho adaptado por Vanessa Sial, 2024]

O Segundo Cemitério no Lugar de Setúbal

Se somarmos aos melhoramentos de interligação entre o Porto do Recife e o Povoado da Boa Viagem no início do século XX, tais ações de gestão modal fomentaram a busca pela região de modo que, além das tradições culturais das celebrações natalinas, também houve mudanças nos costumes sobre os benefícios preconizados pela Medicina Oitocentista sobre os banhos salgados. Na região portuária, no século XIX, havia a Casa de Banhos, mas podemos imaginar o atrativo das belezas naturais dos arrecifes que foram piscinas de águas mornas na maré baixa. Em nosso tempo presente, muitas comunidades que vivem da pesca vêm sendo ameaçadas de maneira predatória por grandes empreendimentos de resorts ou para edificações de luxo por causa de suas belas paisagens.

Entre o estudo sobre os Cemitérios do Recife, de Vicente Ferrer Wanderley (1º Congresso Médico de Pernambuco) e o livro de Fernando Pio, por quase 100 anos as memórias sobre os lugares dos mortos em Boa Viagem caíram em seu quase total esquecimento. O testemunho de Paulo Pontual, que foi morador da Avenida dos Navegantes revelou a quadra do primeiro cemitério do povoado (ao norte), as informações cartográficas sobre o segundo cemitério no Lugar de Setúbal foi motivo de debate, se este chegou de fato a receber sepultamentos. A planta

do Recife e Seus Arrabaldes, além de demonstrar com precisão a configuração da necrópole, a descoberta da aerofotografia corroborou para a identificação de estruturas cemiteriais, em conformidade com as fontes cartográficas. Durante a análise da aerofotografia do Acervo do Museu da Cidade do Recife, foi possível identificar uma terceira concentração de vestígios materiais semelhantes ao Cemitério de Setúbal, localizado mais ao sudoeste do sítio. É possível que tal distância entre esses conjuntos cemiteriais fossem necessários para fazer distinção entre os mortos do povoado de Boa Viagem e o povoado de Piedade, ambas comunidades que foram fundadas por moradores com atividades comerciais e pesqueiras.



Cemitério de Setúbal
Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem

Figura 9: Planta da Orla de Boa Viagem, 1932. Jacques Ribemboim nos informou que o documento foi por ele arrematado em leilão na cidade de Nova York, EUA.

O achado de Ribemboim desse mapa cartográfico de 1932, intitulado *Planta da cidade do Recife e arredores*, foi executado pela equipe do Engenheiro Domingos Ferreira. Ao sul da Igreja de Boa Viagem no traçado é claramente mencionado a existência de um cemitério público no local. Para o pesquisador, a planta evidencia o que foi o primeiro documento que mostra detalhes da área

da Boa Viagem na primeira metade do século XX. Até então, todos os mapas do Recife registram apenas a bacia do Pina e Brasília Teimosa, identificadas como “*Terra dos Coqueirais*”.

Em uma reportagem ao **Diário de Pernambuco**, há o depoimento da moradora Tereza Renor (nascida em 1929), mãe do produtor cultural Rogério de Renor, destacou que até 1970 havia ali a chamada “*Vila da Coreia*”, residência de militares brasileiros. “*Como o acesso ao Recife era difícil, existia tudo na vila, desde uma escola da Aeronáutica, até mercadinho e açougue. Era uma cidadezinha, que acabava ali. Não existia nada depois da vila. Se tinha cemitério, nunca ouvi falar, ninguém comentava, mas não duvido*”. Como autora integrante desse artigo, trago também memórias de minha família. Sou filha e neta de militares da Aeronáutica Brasileira. Meu avô, falecido no ano de 2021, me contou que na década de 1930 os Estados Unidos tinham profunda atenção ao Nordeste brasileiro em relação a presença alemã em Recife. Além do tráfego com o aero dirigível Zepelim, cujo ponto de atracagem ficava no Jequiá (Figura 10)⁶, foi inaugurado nas cidades de Recife e São Paulo sala de cinema Art-Palácio.



Figura 10: Graf Zeppelin, Jequiá, Recife, Pernambuco. Fonte: Eu curto Recife

A sala recifense onde ficava O Cine Art-Palácio do Recife pertencia na época à mesma empresa do UFA-Palace de São Paulo, e localiza-se na região central do Recife, no bairro de Santo Antônio, na esquina da Rua da Palma com a Rua Matias de Albuquerque. A sala foi uma das primeiras

⁶ Disponível em: 16 Mai 2024. Acesso em: Graf Zeppelin pelos céus do Recife – Eu Curto Recife

construídas na capital pernambucana com recursos da Alemanha, o cinema ganhou o nome da empresa alemã *Universum Film AG*, que tinha seus filmes exibidos na cidade com exclusividade no Ufa Palácio, inaugurado oficialmente em 10 de março de 1940, com o filme alemão "Noites Andaluzas", de Flórian Rey (Figura 11)⁷.



Figura 11: Diario de Pernambuco, 10/03/1940, Hemeroteca Digital, CEPE

Os Estados Unidos tinham planos estratégicos para em caso de invasão alemã na Segunda Grande Mundial em Pernambuco, a região da Orla da Boa Viagem dispunha de macro lote costeiro marítimo pertencentes à Aeronáutica Brasileira que poderiam servir de base militar, hospital e campo de pouso/decolagem para aeronaves de combate. Tal base militar ficaria justamente no terreno demarcado na planta de 1932, onde estava a indicação de um cemitério público. Já o campo de aeronaves estaria localizado no atual município de Jaboatão dos Guararapes, após a Avenida Armindo Moura, próxima ao Hospital da Aeronáutica. Praticamente toda a orla, cuja extensão passa de 10 km pertencia a Aeronáutica no século XX, inclusive a Vila dos Oficiais com casas e apartamentos de três pavimentos, e ficavam na Avenida Boa Viagem.

A primeira Vila Militar dos Sargentos da Aeronáutica (hoje em ruínas e desabitada) ficava localizada em casas na Rua Barão de Souza Leão e o Condomínio Vila Militar inaugurado no início da década de 1980, na Avenida Armindo Moura, 580, nos limites entre Recife e Jaboatão dos Guararapes. O complexo possuía cinco quadras (A, B, C, D e E), tinha inclusive agência do Banco do Brasil e clube esportivo. Minha pequena família residiu em um dos apartamentos entre 1981 até 1989. Nós vivíamos sob a vigilância militar e nossas rotinas pareciam "blindadas" do mundo fora dos muros da vila. As crianças podiam andar de bicicleta, brincar nas ruas de roda,

⁷ Disponível em: 16 Mai 2024. Acesso em: Mais de um século de tradição de cinemas de rua no Recife (jornaldigital.recife.br)

pular elástico, queimada etc. sem sentirmos o forte contraste de uma década marcada pelo fim da Ditadura, altíssimas taxas inflacionárias, planos econômicos caóticos e a crescente pobreza e violência urbana. Fui do tempo que ter uma linha telefônica era algo luxuoso. Em todo sistema de apartamentos só havia um único telefone público, que ficava justamente na quadra C, Bloco 4 B, onde minha família morava. Somente no ano de 1987 que a extinta empresa estatal Telecomunicações de Pernambuco S/A (Telpe) implantou a expansão de linhas telefônicas e meu pai comprou ações para a aquisição da linha telefônica. Em outras vilas militares, como em Lagoa Santa-MG havia sistema de telefonia com ramais nas residências, além do clube esportivo, contatava ainda com sala de cinema.

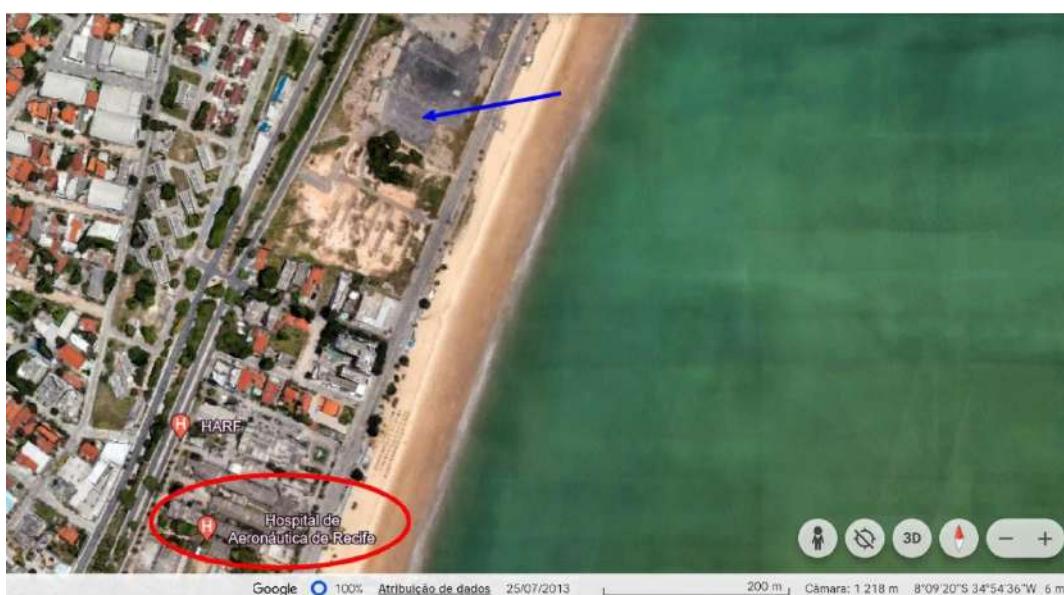


Figura 12: Seta em azul lote para campo de pouso e decolagem, destaque em vermelho Hospital da Aeronáutica

Ao que poderia sugerir a planta encontrada por Jacques Ribemboim de 1932, um cemitério na orla da Boa Viagem fosse um mero geomarcador extinto ou um possível projeto futuro no contexto de Guerras Mundiais, o artigo do Dr. Vicente Ferrer, no ano de 1910, até então era o único registo que mencionava a existência de um cemitério em Setúbal. O doutor, ao apresentar seu trabalho *Cemitérios do Recife*, informou que no *Logar de Setúbal* havia uma pequena necrópole para atender aos falecidos daquele arrabalde praieiro.

Durante nossas pesquisas no acervo no Museu da Cidade do Recife encontramos um conjunto de fotografias aéreas que foi possível localizar além da chamada Vila Coreia (conjunto de apartamentos em posição diagonal na extremidade direita (Figura 12), uma estrutura compatível com a demarcação do cemitério contemplado na planta e na medição de Ribemboim

(destaque em amarelo). Para nossa surpresa, ao analisar de forma pormenorizada toda a imagem em alta resolução, percebemos uma segunda estrutura muito semelhante compatível com a referência do cemitério na década de 1930, executada equipe técnica do Engenheiro Domingos Ferreira, cujo nome marca duas redes viárias importantíssimas para o bairro da Boa Viagem. Essas estruturas parecem túmulos, tal qual é possível perceber regiões “caíçaras”, cujas vilas possuem uma igreja paroquial, pátio, lotes do arruado com as casas e nos limites, um pequeno cemitério.

Se levarmos em consideração, a verossimilhança conferida ao mapa de 1932, podemos afirmar que em Setúbal houve a criação de um outro espaço para os mortos, cujo tempo perdeu-se na memória dos recifenses. O imenso lote à beira mar, onde ficava esses dois cemitérios esquecidos, tinha como limites o edifício Manhattan e a Vila dos Oficiais da Aeronáutica. Esse lote misterioso cujo avanço imobiliário parecia blindado por interesses militares de segurança. O perímetro desse lote nas décadas de 1980 e 1990 era cercado com arame farpado. Não havia guarita ou presença de soldados da Aeronáutica. O banho de mar nessa área é perigoso, pois há corrente marítima de retorno que pode provocar afogamentos. Os bombeiros responsáveis pelo Posto 6, ao fazerem rondas de monitoramento, orientavam para que os banhistas não entrassem no mar. Era comum ouvir que “fantasmas” que morriam afogados “puxavam os vivos” para nunca mais voltarem. Eram narrativas que de certo modo, à sua forma agourenta, nos faz imaginar que os Lugares dos Mortos há muito tempo foram devorados pelo progresso civilizatório.



Figura 13: Fotografia Aérea, década de 1960, MCR. Desta em amarelo Cemitério de Setúbal, 1932. Destaques em vermelho e azul, estruturas semelhantes à referência cartográfica do cemitério de Setúbal datado na década de 1950 [macro lote litorâneo na Orla de Boa Viagem – localidade Parque Dona Lindu]

Em 30 de outubro de 2008, a Prefeitura da Cidade do Recife finalizou o projeto de autoria de Oscar Niemeyer (Figura 14), Coordenadas 09° 8' 29" S 34° 54' 13" W, entre as avenidas Boa Viagem e Visconde de Jequitinhonha, do **Parque Dona Lindu**; em homenagem a mãe do então Presidente da República, Luiz Inacio Lula da Silva. O Parque recebeu investimentos na ordem de R\$ 29 milhões e foi construído numa área de 27.166,68 m², com 60% destinados à área verde. Devemos ressaltar que o macro lote costeiro dos “antigos coqueirais”, na primeira metade do século XX, era bem maior que o atual perímetro do parque e, portanto, não foi possível identificar sem pesquisas de prospecção arqueológica concentrações de enterramentos. Também é relevante informar que é possível a existência de inumações fora da área total desse equipamento público de lazer construído no século XXI. O complexo de sociabilidade inclui ciclovia, pista para caminhada e skate, quadra poliesportiva, playground, áreas para descanso e atividade física. Conta também com teatro, pavilhão para exposições, restaurante, sanitários, fraldário e central técnica. De acordo com a Fundação Oscar Niemeyer,

O projeto deste teatro estabelece uma pausa neste correr de prédios que variam entre quatro e dez pavimentos a desmerecer a maioria das praias brasileiras. É claro que tudo começou em função do poder imobiliário e sua ânsia invencível de lucro sem o menor respeito pelas mais primárias regras de correção e bom gosto. Isso sem falar do aspecto urbanístico que essas avenidas litorâneas apresentam, quando, destinadas a tráfego mais intenso, cortam a ligação mais íntima da cidade com as praias. É a preocupação de obras suntuosas que explica tudo isso, impedindo, como seria mais agradável, que a cidade e as praias constituíssem um conjunto mais harmonioso, com praças e jardins a enriquecê-lo. No caso do teatro do Recife a solução que propomos evita a repetição das velhas avenidas litorâneas a que me referi, criando uma separação rígida retilínea que as construções de mau gosto ajudam a empobrecer. A uma distância de 200 m o teatro vai impedir tanto desacerto. Olho novamente o conjunto deste projeto de que o teatro é o elemento principal. Vejo os outros edifícios; sinto que a vista para o mar está livre, como eu desejava, que o prédio da administração e lojas e o salão de exposições estão bem localizados, que o restaurante será um novo atrativo neste lugar magnífico, que, em boa hora, o Prefeito João Paulo Lima e Silva resolveu aproveitar, transformando-o num centro de cultura e lazer da melhor qualidade. [grifos nossos]



Figura 14: Parque Dona Lindu, Prefeitura da Cidade do Recife, 2019.



Figura 15: Destaque em azul Igreja de Boa Viagem, destaque em amarelo, edifício Transatlântico, destaque em laranja Parque Dona Lindu.

As medidas que realizados com a ferramenta do *Google Earth* são compatíveis ao mapa feito para o Serviço Militar dos Estados Unidos, em 1932 (Figura 16). Ao analisar a sombra das fotografias aéreas da década de 1960 é possível vermos o Edifício Transatlântico com seu traçado em U que torna inequívoca a identificação da edificação e a proximidade com a praçinha de Boa Viagem (Figura 17).



Figura 16: Destaque seta azul Igreja de Boa Viagem, destaque em amarelo Parque D. Lindu



Figura 17: Destaque em amarelo Praça/igreja de Boa Viagem, destaque em vermelho, perímetro (localidade) do primeiro cemitério do povoado de Boa Viagem (1870), destaque em azul Edifício Transatlântico.

Como o lote do parque no início do século XXI parecia não haver interesse de monitoramento arqueológico, jamais saberemos que durante a obra restos mortais foram encontrados. Nos resta pensamos que a paisagem possui memória, cujas transformações merecem estudos não somente do impacto ambiental, mas também sobre histórias que o capitalismo “teima” em nos fazer esquecer.

Considerações Finais

Os cemitérios analisados neste artigo nos oferecem sintomas históricos sobre a criação de cemitérios em povoações, outrora afastadas ainda mais da capital do Recife Oitocentista. Se os contextos epidêmicos justificaram a necessidade de abolir os sepultamentos dentro das igrejas, por outro lado, esses cemitérios paroquiais, escaparam do controle efetivo da municipalidade. Desde a escolha dos espaços, bem como na sua manutenção.

Os cemitérios do Povoado de Boa Viagem foram criados com as rendas de sua irmandade e dentro do espaço paroquial de poder e separados da competência da Câmara Municipal da capital. A valorização da orla marítima no século XX foi o eixo civilizatório para o bem viver. Sendo assim, os espaços dos mortos foram-se tornando cada vez mais vizinhos indesejados. Tal “incômodo” fez com que o tempo transformasse esses cemitérios assombrações que, vez por outra, teimam em aparecer. Os povoados litorâneos da Boa Viagem e da Piedade inclusive não eram compreendidos como “arrabaldes” no século XIX. Denominá-los de povoações dava o termo para essas regiões.

Os cemitérios custeados pela municipalidade estavam na rota da várzea do Capibaribe, como Poço da Penela, Várzea, Tejipió, Jaboatão Velho, Camaragibe e Caçote. Os cemitérios da Boa Viagem (1868/70) e o de Setúbal (1900) foram ações dos membros ligados à devoção Mariana invocada na proteção daqueles que adentravam ao mar. Que Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Piedade rogue pelos vivos e pelos mortos. Acolham as demandas terrenas e que conserve as almas em bom lugar no além.

Mesmo que a ultra valorização e especulação imobiliária na virada dos Novecentos tenha soterrado covas, jazigos, lápides e cruzes, esses mortos continuam a resistir embaixo de arranha-céus, avenidas, hotéis e praças. O concreto armado, o piche e o civilizatório transformam a paisagem, tornando esse passado em memórias fantasmas.

Referências

ANNAES DO 1º CONGRESSO MÉDICO EM PERNAMBUCO, 1910. Annaes do 1º Congresso Médico em Pernambuco. Recife: Typ. do Diário de Pernambuco, pp.458-557.

ARAÚJO, V.F.B.W., 1911. Cemitérios do Recife. Notas Legislativas. Lisboa: Typ. José Bastos.

CASTRO, V., 2007. Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. Recife: Secretaria de Cultura da Cidade do Recife.

CAVALCANTI, C.B., 1998. O Recife e seus bairros. Recife: Câmara Municipal.

CHERNOVIZ, P.L.N., 1890. Dicionário de medicina popular. 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz.

MENDONÇA FILHO, K., 2023. Retratos Fantasmas. [Documentário].

PIO, F., 1961. Notícia Histórica e Sentimental da Igrejinha de Nossa Senhora da Boa Viagem. Recife: Imprensa Universitária.

ROCHA, A.G.G.L., 2003. *Discursos de uma Modernidade: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880)*. Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

Fontes Digitais

<http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/vidaurbana/2016/03/em-busca-de-um-velho-cemiterio.html>

Mais de um século de tradição de cinemas de rua no Recife (jornaldigital.recife.br)

<https://eucurtorecife.com.br/graf-zeppelin-pelos-ceus-do-recife/>

<https://www.omelhordobairro.com/recife-boaviagem/historia>

<https://recifecomoaotigamente.blogspot.com/2012/02/boa-viagem.html>

http://www.recife.pe.gov.br/2008/05/23/mat_162292.php

<https://visit.recife.br/o-que-fazer/atracoes/parques-e-pracas/parque-dona-lindu>

Lula vai inaugurar em Recife parque com nome da mãe, Dona Lindu | O Tempo

<https://www.paroquiadaboaviagem.org/historia>

<https://leismunicipais.com.br/a/pe/r/recife/lei-ordinaria/1997/1630/16293/lei-ordinaria-n-16293-1997-dispõe-sobre-as-regiões-político-administrativas-do-município-do-recife-e-das-outras-providências>